

**Rubem Braga**

O Globo 24.10.58

DN 22.5.66

C. Povo 7/8/83

RN

# DA SOLIDÃO E O SEU GÔSTO

**N**ÃO é a primeira vez que acordo de madrugada com a impressão de que estou sozinho na cidade e no mundo: todos partiram, as ruas e as casas estão desertas, só eu fiquei em meu quarto...

Tive êsse mesmo sonho uma vez em Paris no mês de agosto; a diferença é que lá era um pouco verdade. Quase todos os amigos tinham deixado a cidade; as férias coletivas haviam fechado fábricas, milhares de casas comerciais, meu "bistrot" predileto, minha lavanderia, a livraria da esquina. Minha janela dava para um pátio de escola, em Montparnasse; as crianças também tinham desertado para alguma praia ou montanha distante.

Lembro-me do dia em que recomeçaram as aulas. Eu dormira tarde e acordei com a algazarra matinal; mas fui até a janela e tive um sorriso feliz. Lá estava a garotada de volta. daquelas crianças eu conhecia ocasionalmente duas: um menino muito magro, sardento, de cabelos ruivos e uma menina extraordinariamente alva, de cabelos muito negros.

Fiquei na janela vendo-os brincar, quase todos agora muito queimados de sol, mas não aquela menina côr de giz, tão pateticamente linda com seus cabelos pretos amarrados por uma fita. O garoto ruivo notou minha presença, me acenou dizendo alguma coisa que não entendi. Joguei-lhe uma fruta, que êle pegou, ágil. Outros garotos olharam para minha janela rindo, gritando, pedindo frutas também. Fiz sinal de que não tinha mais nenhuma, abrindo os

braços; e êles me deram uma alegre vaia. Paris não estava mais vazia; a vida voltara...

Mas agora estou em meu apartamentinho de Ipanema. É noite. Devo sair, já devia mesmo estar a caminho da casa onde amigos me esperam, mas sinto um prazer preguiçoso em me deixar ficar em casa um pouco mais. Ouço o rumor dos automóveis que passam sob as luzes da rua e às vêzes buzina, como se me estivessem chamando, chamando todos os solitários para a noite alegre e cordial de Copacabana.

Pego um livro ao acaso; e é a "Surdina do Contemplado" de minha amiga Dora Vasconcellos, que a esta hora imagino em seu belo apartamento da Riverside, em New York. E como há um poema seu que rima com êste momento, eu o deixo aqui, neste fim de crônica, um presente para o leitor:

"Tanta lua pelo rio  
tanta luz e tão profusa  
a hora é sonora e fria  
tomo a roca e o parafuso.  
E peço a essa noite clara  
de teto claustal e fundo  
que não me deixe seguir  
tão rara por êste mundo.  
Que me reserve um recanto  
onde eu, sem valentia,  
possa deitar em penumbra  
a minha melancolia."

he tanto  
tempo se  
foi deste  
mundo.

- 468 - 8.4.61